

100 200 300 400 500 600 700 800 900 1000 2000 3000 4000 5000 6000 7000 8000 9000 10000

LEANDRO GOMES DE BARROS

Defesa feita pelo
DOUTOR IBIAPINA
EM QUE LIVROU DA FORÇA UM RÉO
JÁ SENTENCIADO,


VENDE-SE na casa do autor á Rua
do Motocolombó nº 28 Afoga-
dos—Recife.

TYP. DA "POPULAR EDITORA"

100 200 300 400 500 600 700 800 900 1000 2000 3000 4000 5000 6000 7000 8000 9000 10000

Defesa feita pelo DOUTOR IBIAPINA

ANTES DELLE SER PADRE, NA
VILLA DO BREJO DE AREIA,
HOJE CIDADE.

Ninguem se julgue feliz
Nem desanime da sorte
Viu-se no Brejo de Areia
Da Parahyba do Norte
Um réo escapar da forca
Já sentenciado á morte.

Quando o padre Ibiapina
Ainda éra doutor
Que depois disso ordenou-se
E foi grande pregador
Se foi bom advogado
Inda foi melhor pastor.

Tinha no Brejo de Areia
Um rapaz que éra engeitado
Um homem o achou no campo
Morrendo desamparado
Que nem siquer o umbigo
Quem deixou o tinha cortado.

A senhora desse homem
Nunca um filho consebeu
Criou Francisco José
Adotou por filho seu
Tanto que um sitio que tinha
Deixou-lhe-o quando morreu.

Então Francisco José
Era um rapaz sem defeito
Trabalhador e honrado
Andava sempre direito
Não tinha fortuna alguma
Mais vivia satisfeito.

O comendador Veloso
Alma negra e noduada
Senhor de grande fortuna
Embora fosse roubada
Porque o caracter delle
Pesava menos que nada.

Esse monstro era viuvo
Tinha uma filha somente
E namorava-se della
Achou mais conveniente
Casal-a com rapaz pobre
Que a gosava facilmente.

Pensava elle comsigo
Não ha calculo tão certo
Dou-a a um rapaz branco e pobre
Que não falta aventureiro
Que veja e faça que não
Com ambição do dinheiro.

Porem o calculo do máo
E' muito raro acertar
O maldoso tem comsigo
A testemunha ocular
Faça elle o que fizer
Ella tem que revelar.

Rapazes de altas rodas
Pediram e elle não deu
Pois assim desarranjava
O plano que conceben
E fez a desgraça della
Da forma que entendeu.

Foi ao Francisco José
Com as armas do trahidor
Lhe disse você é
Honesto e trabalhador,
Quer casar com minha filha?
Respondeu-lhe, não senhor!

O comendador não sabe?
Que eu fui um engeitado?
Meu futuro é o trabalho
Pois nelle fui viciado
E não pretendo casar-me
Com filha de potentado.

O senhor procure um desses
A quem a fortuna cobre
Eu desejando casar-me
Prefiro uma moça pobre
Só desejo encontrar nella
Um caracter limpo e nobre.

Disse-lhe o comendador
Rapaz disse tudo eu sei
Minha filha não tem mãe
A tempos enviuei
Estou cahindo na idade
Não sei quando morrerei.

Não quero dal-a a um doutor
Que não saiba trabalhar
Porque faltando a carta
Elle não pode passar
Se tiver familia grande
Pede esmola ou vai furtar.

O assassino da honra
Tanto fez e seduziu
Com as formas do demonio
Ao miseravel illudiu
Agora vejam onde foi
Que o innocente cahiu.

Casou Francisco José
Achou sua esposa pura
Muito rica de dinheiro
Gado, terra, escravatura,
Carneiro, cavallo e burro
Tinha com grande fartura.

Francisco José então
Tomou conta do que havia
As seis horas da manhã
Com os escravos sahia
Mandavam levar-lhe almoço
Elle no campo comia

Quando elle vo'tava a tarde
Viuha sempre carregado
Com feijão, milho, batata
Quanto havia no roçado
Sempre trazia nos hombros
Um sexto grande e pesado.

Sua mulher cotumava
Esperal-o todo o dia
Para tirar-lhe dos hombros
O peso que elle trazia
Com aquelle fingimento
Diariamente o trahia.

Um dia numa hora dessas
Francisco José chegou
Não encontrando a mulher
Abriu a porta e entrou
Sua mulher com o pai
Em adulterio os achou

Mais rubro do que a braza
Que do fugareiro sai
Com o furor do corisco
Que da athmosphera cai
Desparou uma espingarda
Matando filha e pai.

Elle morreu logo alli
Ella trez dias durou
E confessou ao juiz
Os planos que o pai formou
E dando toda razão
Ao marido que a matou.

Francisco José ja tinha
Entregado-se a prisão
Ella pediu ao juiz
Que por sua intervenção
Vejiasse se do marido
Ella alcançava o perdão.

Porem Francisco José
Disse ao juiz de direito
O que fizerem de mim
Eu acho que está bem feito
Porem um pedido della
Eu morro! mas... não aceito.

Os parentes do Veloso
Povo muito entereceiro
Não sentiram a morte delle
Mais pensavam no dinheiro
E diziam fica tudo
Para aquelle aventureiro.

Peitaram toda justiça
Para o réo ser condemnado
Garantindo devidir
A terra, o dinheiro e o gado
Escravos e todas as joias
Ficava tudo arrumado.

Desapparecendo o réo
Era um inventario feito
Pois sem herdeiros legitimos
Parentes tinham direito
Então ajuntou-se tudo
E foram procurar geito.

Logo no primeiro jury
O réo teve votação
Teve todos doze votos
O juiz como um dragão
Negou alvorada ao réo
Apellou p'ra relação.

A relação que do crime
Tinha algum conhecimento
Mandou que metesse o réo
Em segundo julgamento
Tornou a ter doze votos
Foi o mesmo seguimento.

Tornou ter apellação
Dada pelo promotor
Apellou segunda vez
Ao tribunal superior
O tribunal resolveu
Jury desempatador.

Ao terceiro julgamento
Foi o réo submitido
Porem a justiça fez
Um jury bem escolhido
Condemnaram o réo a morte
Por meio desapercbido.

Então condemnaram sempre
O infeliz engeitado
Alli depois de trez dias
Ia ser elle enforcado,
Cada parente do morto
Ja tinha o calculo formado.

Estava o juiz de direito
O promotor e o escrivão
E os parentes do morto
Com grande satisfação
Cada um que projetasse
Escolher melhor quinhão

O réo não dizia nada
Ouvir a sentença ler
Disse penas; pouco importa
Uma vida se perder,
Vinguei a maior injúria
Que um homem pode ter.

Uns nascem para a vida
Eu nasci para a guilhotina
Estava o réo naquella hora
Pensando na dura sina
Quando entrou na cidade
O doutor Ibiapina.

Um soldado disse ao réo
Que o mandasse chamar
E disse, aquella sentença
Ainda se pode anular
O doutor Ibiapina
Querendo pode o salvar.

Disse a praça em vou chamal-o
O réo lhe disse pois vá
Diga-lhe que mando pedir-lhe
Que se poder venha cá
Socorrer um infeliz
Que nem siquer pode ir lá.

A praça foi ao hotel
Onde elle estava hospedado
E disse-lhe senhor doutor
Venho trazer-lhe um recado:
Um réo pede que o socorra
Por Jesus Sacramentado.

Que réo é esse que me chama?
Perguntou elle ao soldado
E' um miseravel triste
Que hoje vai ser enforcado
Alli contou todo crime
Da forma que foi passado.

O doutor Ibiapina
Exclamou que cousa feia!
Oh! que questão pavorosa
E' esta que me rodeia
Alli pegou o chapéo
Se deregitiu a cadeia.

Inda o jury trabalhava
Ibiapina chegou
Deregitiu-se a sala livre
Pediu licença e entrou.
Que deseja o cavalheiro?
O juiz lhe perguntou.

Desejo ver a sentença
De um réo que foi condemnado.
Disse o juiz de direito
O réo foi sentenciado.
Eu quero ver o proeesso,
Disse-lhe o advogado.

Disse o juiz de direito
Depois de o examinar:
Com quem tenho a honra,
Meu amigo, de falar?
—O doutor Ibiapina.
Disse o juiz pode entrar.

Mas com relação ao réo
Não se pode arrumar nada
Pois o jury condemnou-o
Ja foi a sentença dada
Por mim e o promotor
Foi aceita e assignada.

Disse-lhe o Ibiapina
Faz-me o favor de mostrar
Eu quero ver o processo
Preciso o examinar
Eu sou defensor do réo,
Tenho razão de fallar.

Entregaram-lhe o processo
Elle o leu publicamente
Disse ao juiz senhor doutor
Este réo está innocente
Só condemna um homem deste
Um juiz inconsciente.

Mande julgar-o de novo
Eu sou seu advogado
O réo com este processo
Não pode ser condemnado
Mate-o porem com a lei
Assim não, está errado.

Veio o pobre réo de novo
Chegou de ferros pesado
O Ibiapina disse
Eu nunca vi em jurado
E nem nunca em parte alguma
Um ente tão desgraçado.

Todo homem tem um pai
Que o vendo soffrer se importe
Que falle por elle, alegue
O revez de sua sorte
Só um miseravel deste
Diz-se apenas—réo de morte!

Se teve mãe não se lembra,
Se teve pai nunca o viu,
Hoje tão ardua sentença
Senhores! em quem cahiu?
Num desgraçado que a sorte
Em sua face cuspiu!

Num homem sem eloquencia
Ninguem por elle afigura
A quem se pode chamar
Uma infeliz creatura
Só o abraça a miseria
Só o acolhe a desventura.

O promotor levantou-se
E a palavra pediu
Disse senhores jurados
Deus é testemunha e viu
Duas vidas preciosas
Que está fera concluiu.

Este monstro, este damnado
Aborto da natureza,
Me parece inda ver nelle
Signal de sangue na presa
Não sei como dum monstro deste
Um homem inda faz defesa.

Eu confio que os jurados
Confirmarão a sentença
Vós todos estão a par
Da barbaridade immensa,
Quem protejer está féra
Está provando que não pensa.

O Ibiapina ergeu-se
E disse encolerizado
O illustre promotor
Deve ser mais moderado
Não precisa offender tanto
Quem ja está tão maltratado.

Pesso atenção meus senhores
O crime aqui está exposto
Que data tão repugnante
Essa—deseceis de Agosto!
Que o véo negro da infamia
Cobriu deste réo o rosto.

Vinha nesse dia funebre
Este infeliz do roçado
Aonde passou o dia
Trabalhando fadigado
Trazendo milho e feijão
Num sexto grande e pesado.

Na esperança de achar
Sua mulher innocente
Casado a uns quatro mezes
Amando-a extremosamente
Que quatro triste senhores?
Achou este padecente.

Ora! a mulher costumava
Esperal-o todo dia
Ia encontral-o na porta
Transbordando de alegria
Ia tirar-lhe dos hombros
O peso que elle trazia.

Naquelle dia chegando
Olhou tudo não viu ella
Pensou ser alguma cousa
Que tivesse dado nella
Quando no quarto encontrou
O sogro nos braços della.

Digam senhores jurados
Qualquer de vós que faria?
Se esta sorte negra escassa
Atacasse a vós um dia?
O que este réo obrou,
Qual de nós não obraria?

O homem naquella hora
De que forma elle ficou?
A mulher em adulterio
Da forma que elle achou!
Desparando uma espingarda
A ambos os monstros matou.

O pai de sua mulher?!
Elle nunca esperaria?
A pessoa que um marido
Sua mulher mais confia!
Pois esse não respeitar
O que mais sagrado havia.

O promotor disse alli
Senhor collega está provado
Este monstro é assassino
E péca o advogado
Que inda procura meios
De salvar tal desgraçado.

Pesso aos senhores jurados
Não atendam attenuantes
Confirmem penna de morte
Não pensem mais um instante
Esta fera é como lobo,
Urso, hyenna, assim por diante.

Disse-lhe o Ibiapina
Ora! illustre promotor
Admira-me bastante
Estas phrases do senhor
O réo tambem é um homem
Como eu e o doutor.

E seja a morte do réo
Como pediu neste instante
Prove primeiro se o crime
Tem circumstancia agravante
Não ha sentença de morte
Havendo um attenuante.

Em Roma na Inglaterra
Paizes civilizados
Diversos adulterios
Que tem sido encontrados
Os maridos matam as mulheres
Que só assim são vingados.

Veja o grande Mello Freires
Criminalista instruido
Juresconsulto Europeu
Dá direito ao marido
Para matar sua esposa
Sendo por ella trahido.

Saiba illustre promotor
Que nós por sermos formados
Vestimos bom panno fino
Sonhos por todos cercados
Não estamos livres de cahirmos
Em momentos desgraçados.

Podem julgal-o juizes
Descarreguem a consciencia
Algun ha de ter mulher
E a mulher é uma essencia
E botem numa balança
Maldade abuso innocencia.

Ja bem vês homem infeliz
Eu gemo com tua dor
Não sou sencivel aos teus males
Sinto tambem teu clamor
Porque nunca vi alguém
Que fosse tão soffredor,

Meus olhos gotejam lagrimas
Pela tua sorte dura
Recomenda tua alma
A Maria sacra e pura
Me parece estar te vendo
Descendo a sepultura.

Se não me engano já ouço
O triste bronze tocar
Talvez que já seja a morte
Que a ti manda chamar
Aquellas phrases fizeram
Tudo na sala chorar.

Choravam todos jurados,
O promotor e o juiz,
Esse exclamou como louco
Meu Deus, meu Deus, eu que fiz!
Ia matando inocente
Um miseravel infeliz.

Alli entrou o conselho
Ibiapina saiu
Quando chegou no hotel
E o almoço pediu
Então o réo entrou alli
Curvado aos seus pés cahiu.

Levante-se disse o doutor
Não tem que me agradecer
Quem dá-lhe a vida é Deus
O mesmo que o fez viver
Eu apenas fiz alli
O que Deus manda fazer.

A todos os bens de seu sogro
Você hoje tem direito
Doutor essa herança eu dou-lhe
E não fico satisfeito
O Ibiapina disse
Dê de esmola eu não aceito.

Forre os escravos que tem
Pois o captiveiro arde
Faça o que eu fiz com você
Ponha tudo em liberdade
Um daquelles miseraveis
Pode servir-lhe mais tarde.

Elle forrou os escravos
Deu a elles o que havia
Vendeu toda a herança
Quando foi no outro dia
Mudou-se para um logar
Que ninguem o conhecia.

Teitor pode dar por visto
Esse caso assim foi dado
A historia está escrita
No seculo proximo passado
Deu-se no Brejo de Areia
Resultou que da cadeia
O réo sahiu perdoado.

Recife, 5—7—1917.

6016

Obras do Autor

ROMANCES COMPLETOS EM VER-
SOS A 1\$000 RS.

A Força do Amor—H. de Marina
e Alonso.

A Morte de Alonso e a Vingança de
Marina.

A Filha do Pescador.

O Mal em Paga do Bem—H. de
Lino e Rosa.

Historia do Cancão de Fogo.

A Mulher Roubada.

O Principe e a Fada.

Historia da Donzella Theodóra.

O Boi Misteriozo.

O Cachorro dos Mortos.

Os Sofrimentos de Alzira.

Alem destes Romances, Lean-
dro Gomes de Barros tem mais
de 500 qualidades de Folhetos de
versos a 200 rs. que vende em
grosso com grande abatimento, na
caza de sua residencia á Rua do
Motocolombó n. 28 em Afogados
arrabalde do Recife.